

## O LIVRO DE ARTISTA COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

**Gabriela Garcia de Godoi Moreira** / PUC-Campinas

### RESUMO

A presente pesquisa busca apresentar a produção de livro de artista enquanto suporte e ponte para a expressão da identidade, afetividade e memória, dessa forma contribui para a educação que valoriza também as vivências fora do ambiente escolar. A pesquisa parte das características desse suporte que enfatizam seu uso enquanto construção identitária, definições de elementos que compõem a identidade pós-moderna e análise de produções pessoais anteriores e a de alunos da E. E. Culto à Ciência em minha regência durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

### PALAVRAS-CHAVE

Livro de artista; Identidade; Afetos.

Durante aulas de minha graduação as quais a proposta foi o livro de artista, percebi a recorrência de elementos que personificassem o autor, que de algum modo registrassem um vértice de sua identidade. Esses elementos foram variados, desde transcrições de poemas, letras de música ou frases de alguma produção cinematográfica até autorretratos, inserção de objetos de coleção particular ou de seu convívio (como o ramo de uma árvore de sua casa). Quando apliquei essa proposta na regência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência essa linha de pensamento no processo de produção se repetiu na maioria das produções.

Dito isso, a importância de se olhar o livro de artista com esse viés de projeção da identidade, como uma construção narrativa dos afetos que compõem partes do indivíduo que o fez é perceptível. A identidade é frequentemente abordada no fazer artístico, nessa pesquisa trabalharemos essa questão pela perspectiva da identidade pós-moderna, memória e afetos

“[...] identidade significa um conjunto de critérios de definição de um indivíduo e um sentimento interno composto de diferentes

sensações, tais como sentimento de unidade, de coerência, de pertencimento, de valor, de autonomia e de confiança. Esses diferentes ingredientes afetivos e cognitivos representam os processos internos através dos quais o psiquismo organiza todas as informações que ele recebe em um todo coerente [...]” (MEDEIROS, 2008, p.34).

A princípio, o livro “A identidade cultural na pós-modernidade” de Stuart Hall trata da ideia de que as estruturas sociais conhecidas estão passando por mudanças e que essas afetam diretamente a percepção de identidade, que se divide em segmentos (classe social, gênero, sexualidade, etnia, e nacionalidade). Desta forma, o autor também afirma o quanto a identidade pessoal também está passando por uma “descentralização do sujeito”, ou seja, uma perda de si e de sua própria cultura em detrimento da influência de culturas externas. Pensando nisso, podemos dizer que a influência das culturas externas ao nosso meio originário permeiam o processo de identificação dos indivíduos. Ter em mente as influências culturais as quais somos submetidos é crucial para o entendimento de como nós (e nossos alunos) expressamos nossa identidade e no caso dessa pesquisa, como absorvemos os signos apresentados na produção do livro de artista que podem ser fruto dessa influência cultural.

A categorização adotada de obras que se configuram livro de artista utilizada é a que pressupõem determinadas posições em relação ao livro convencional. Para entendermos isso é preciso que estabeleçamos essencialmente dois posicionamentos: há aqueles que veneram sua configuração, seu todo, que se dá basicamente por páginas de papel consecutivas que incutem um determinado sentido de leitura e narrativa e que recusam as novas tecnologias ou a deformação de seu aspecto original. Silveira (2008) classifica esse posicionamento como um fetiche pelo formato e significado do livro, o que ele traduz como “ternura” ao livro.

“ternura é o gesto de preservação às conformações tradicionais, assim como aos valores institucionais do livro. É amor à forma livro, manifestada pelo zelo a essa forma, pela manutenção de sua tradição (de sua forma instituída), pela defesa de sua permanência perante as novas mídias ou pela preservação da leitura sequencial da palavra escrita. É carinho pela crença na verdade impressa. É o aceite e a dependência do fetiche” (SILVEIRA, 2008, p.5).

O outro posicionamento seria a de negação desse fetiche, ou seja, é o esforço de ataque à constituição e/ou significado do livro que se traduz como “injúria” ao livro.

“Injúria é agravo ao livro. É a tentativa de sua negação. É o comentário ao suporte pela sua subversão e afronta. É o comprometimento da verdade e/ou da verossimilhança, ou o uso dessa em detrimento daquela. Injúria implica perversão. É dano físico porque presume e tenta violar a permanência temporal do livro. É dano moral porque presume e tenta violar seu legado de lei e verdade. É o esforço de ataque ao fetiche.” (SILVEIRA, 2008 p.5).

O livro de artista se relaciona com a identidade quando tende a ser um arquivo de memórias reais ou ficcionais, uma confissão, relato íntimo. A narrativa do livro convencional, de sobreposição de folhas que pressupõem o delinear de um espaço-tempo, assim “Cada vez que viramos uma página, temos um lapso e o início de uma nova onda impressiva. Essa nova impressão (e intelecção) conta com a memória das impressões passadas e com a expectativa das impressões futuras.” (SILVEIRA, 2008, p.72). Dessa maneira, a manipulação/observação de um livro de artista pressupõe a percepção da narrativa intrínseca a esse formato e também a memória construída durante a leitura do mesmo, o que confere a narrativa visual.

Dessa forma, parto para a apresentação de produções pessoais, aqui usei papéis artesanais de diversas cores e materiais, principalmente papéis reciclados e ervas aromáticas como alecrim, hortelã e camomila. Usei também a flor de hibisco e corantes artificiais nas cores amarela, azul, verde e vermelha para compor esses papéis. Em cada um desses papéis de formatos variados desenhei recordações, ou melhor, registro de recordações, visto que utilizei fotografias como referência para a produção dos mesmos, aqui a memória é resgatada a partir do estímulo visual que essas fotografias afluam.



Figura 1. Livro de artista, 15,5 x 15,5 cm. Foto: Acervo pessoal.

A caixa, apesar de ser construída para permanecer fechada, com as extremidades coladas e entrelaçada com o fio de barbante vermelho, em sua superfície há representações de mãos entrelaçadas, pequenas, grandes, de pares diferentes e similares entre si. Os botões que estão dispostos e colados na superfície de fora são parte da coleção de botões minha e de minha mãe, a qual foi nutrida por anos. Esses botões são, sem dúvida, o aspecto que mais evoca minha afetividade pessoal no trabalho, apesar de ser uma experiência pessoal de colecionar botões, não é incomum que outros (sobretudo mulheres, afinal a costura é intimamente ligada a essa ação de colecionar botões e esse ofício designado na maioria das vezes às mulheres) se atenham a essa atividade.



Figura 2. Livro de artista, 15,5 x 15,5 cm. Foto: Acervo pessoal.

O próximo trabalho apresentado tem como proposta utilizar cenas cotidianas e do meu convívio, para esse livro minha ideia principal foi a de fundir momentos e memórias, para tanto empreguei a sucessão de páginas de fotografias com um curto espaço de tempo de tiragem entre elas que pode ser entendida como um frame, palavra de origem inglesa equivalente a quadro quando se refere à animação quadro a quadro, que conseqüentemente remete ao *flipbook*.



Figura 3. Livro de artista, 21 x 13,5 cm. Foto: Acervo pessoal.



Figura 4. Livro de artista, 21 x 13,5 cm. Foto: Acervo pessoal.



Figura 5. Livro de artista, 21 x 13,5 cm. Foto: Acervo pessoal.

A regência de aulas para a produção de livro de artista foi com alunos membros do Clube Juvenil “Alunos Anônimos do Cultão” esse grupo faz parte do ensino em tempo integral da cidade de Campinas - SP, na E. E. Culto à Ciência, a proposta do clube é a de se discutir e pensar criticamente assuntos latentes na sociedade e o convívio dos integrantes onde todos podem sugerir temas e atividades. Durante nossas conversas, membros destacaram a importância do ambiente de acolhida do clube e que encontraram ali um espaço para a discussão de temas que não tem abertura no ambiente escolar ou pessoal.

Nas aulas além dos materiais apresentados e a explicação do que seria um livro de artista, contei com a produção de integrantes do grupo de artes do PIBID e de colegas da faculdade. O uso desses exemplares foi fundamental para o discernimento entre livro de artista e *sketchbook*, pois ambos têm funções parecidas como a de ser um espaço para o registro do processo criativo, mas apesar disso o livro de artista também é o espaço expositivo.

O trabalho abaixo foi realizado individualmente, o autor comentou que pensou em uma estrutura que se assemelhasse a um túnel, que seria a representação da visão e caminho traçado pela vida, que associado à escolha de cor, disposição de carvão e escolha do uso de uma letra um tanto rabiscada sugerem aspectos negativos e potencialmente difíceis de lidar.



Figura 6. Aluno da E.E. Culto à Ciência, 2019, Livro de artista, Dimensões desconhecidas. Foto: Acervo pessoal.



Figura 7. Aluno da E.E. Culto à Ciência, 2019, Livro de artista, Dimensões desconhecidas. Foto: Acervo pessoal.

Essas questões subjetivas, porém essencialmente humanas de se retratar um caminho árduo e limitante da vida onde depois de um espaço de tempo (no caso o



comprimento do túnel) se vê a saída ou no caso, a fotografia de sua amiga que aqui é um fator que alivia e que impulsiona a saída desse espaço limitador é bastante considerável nesse sentido.

A produção a seguir foi desenvolvido por um grupo de 3 alunos. Os alunos decidiram se agrupar e optaram por um formato que vem da ternura já mencionada de Silveira (2008), uma vez que é uma sucessão de folhas de papel uma sobre a outra. Apesar dessa escolha o grupo decidiu experimentar diferentes formatos, materialidades e cores de folhas de papel onde também as dispôs de maneira não perpendicular o que conferiu um aspecto assimétrico ao livro.



Figura 8. Alunos da E.E. Culto à Ciência, 2019, Livro de artista, Dimensões desconhecidas. Foto: Acervo pessoal.

Suas páginas foram preenchidas por signos e imagens que fazem parte dos afetos de cada integrante, como trechos de letras de música, citações de autores e trechos de filmes. Assim como discorrido previamente, a relação da cultura hegemônica presente a partir da globalização se encontra aqui de maneira muito evidente a partir das frases de música pop entre outros elementos, assim podemos evidenciar a necessidade de se compreender essa rede de cultura que se movimenta.

Assim, essa proposta remete diretamente a ideia de educação com afeto segundo Meira e Pillotto (2010), que se refere sobre a relação de aluno e professor e a valorização das experiências dos alunos, seja em âmbito pessoal ou escolar e a

exploração do suporte livro de artista enquanto sustentação de narrativa e expressão desses afetos e vivências, onde se construa um objeto artístico que seja significativo para os alunos e que traga consigo o fazer artístico que transporta conhecimento, o que acredito ser um fator importante para o entendimento de artes em todos os seus aspectos dentro da educação.

## Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11<sup>nd</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. ISBN 85-7490-402-3.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MEDEIROS, João Luiz. ELEMENTOS DE ANÁLISE PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES. In: MEDEIROS, João Luiz. (Org.) **Identities em Movimento: Nação, Cyberespaço, Ambientalismo e Religião no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 27-62.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. (2010). **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2<sup>nd</sup> ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 319 p. ISBN 978-85-386-0390-0. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/2pwn4/epub/silveira-9788538603900.epub>>. Acesso em: 22 de fev. de 2020.

## Gabriela Garcia de Godoi Moreira

Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de graduação pelo Vestibular Social. Realiza trabalhos nas Artes Visuais em diversas linguagens, tendo como principal a pintura em aquarela. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8829380864897828>. Contato: [1997.gabi@gmail.com](mailto:1997.gabi@gmail.com).